



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

31 DE AGOSTO DE 1963
ANO XX — N.º 508 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

A OBRA DA RUA

em Angola

VENHO dar-lhe notícia de que hoje depusitei no Banco de Angola — conta da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — a importância de 10.072\$60 para a casa que arranjar aqui, para os seus rapazes angolanos.

«Guardado está o bocado...» Eu explico:

Há já alguns anos que um Professor e alunos pensaram numa residência em benefício de alguém que parecia merecê-la. (Precisar, precisava ele!). Entretanto o orgulho encoirado rebentou, revelando não haver lugar para benemerências...

Por isso nas suas mãos unguidas, deixo cair o dinheiro arranjado de porta em porta por caridade e para bem do corpo e alma do que se mostrou indigno.

Melhor aplicação não podia ter do que a por mim sugerida: dinheiro conseguido por rapazes de Luanda seja para a Casa do Gaiato de Angola, a província portuguesa que tanto, tanto precisa de franciscanizar-se!

...E que ela seja a isca do muito mais que aqui há e que para o Pai Américo deve passar.

Assim seja!

Uma oração por mim e pelos meus, um sacrifício de todos os seus rapazes pela nossa Angola.

Sou... um antigo ouvinte do Padre Américo na Igreja de Santa Cruz de Coimbra; um colecionador de «O Gaiato», desde o primeiro número; o estudante que de propósito foi à Sofia, naquela manhã em que alguns gaiatos saíram de Coimbra para Paço de Sousa; sou um devedor de lágrimas, de bons pensamentos, palavras e obras a «O Gaiato»; sou ninguém...

Não é de ontem esta carta. Chegou ao principiar Dezembro do ano passado. P.e Manuel António foi quem recebeu o correio esse dia... e deixou-me sobre a secretária com esta legenda: Que carta! Desde então a guardei para o soar da hora em que nós mesmos deveríamos dar conta à legião de Amigos de todos os Continentes e muito especialmente aos de África, de que ia ser realidade próxima o desejo antigo, ainda de Pai Américo, que só agora Deus mostrou querer ao torná-lo possível: «a casa que pensam arranjar aqui para os seus rapazes angolanos».

E Deus excedeu-Se («A Sua bondade infinita excede sempre os nossos méritos e desejos!») possibilitando-nos não uma, mas duas casas, quando nos deu mais dois padres.

Serão pois, em breve, se Deus quiser, duas Casas do Gaiato em Angola, não porque queiramos começar em grande («A Obra da Rua nasceu pequena... Por

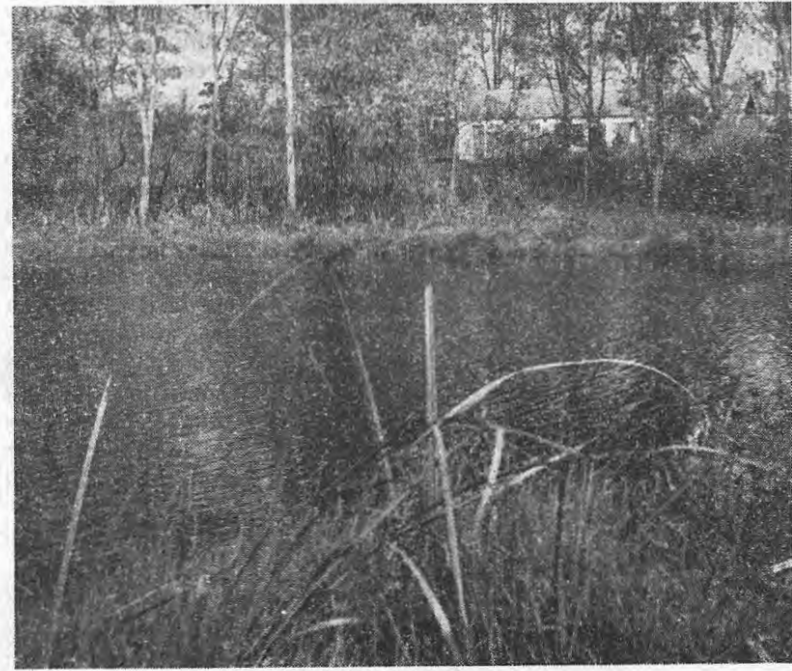
isso se tornou tamanha!»), mas porque queremos mandar os obreiros dois a dois, a evangelizar os Pobres, a dilatar o Reino, tal como o Mestre fez, segundo nos relata o Evangelho. Esta generosidade do Senhor foi, além do mais, uma lição. Nós não nos tínhamos lembrado deste modo de enviar os discípulos à missão: aos pares...

Quando o ano passado, Padre Horácio e eu fomos a Angola auscultar as possibilidades da nossa instalação ali — e deste sentido da nossa viagem deixámos ouvir o murmúrio de um eco que o nosso correspondente, atento desde os primeiros vagidos da Obra, certamente escutou e guardou no seu coração — levávamos no pensamento uma só Casa, já que contávamos somente

com o P.e Luiz. Mas era errado. Agora vemos quão atrevido seria mandar um só para tão longe do núcleo maternal da Obra, em torno do qual os seus padres se reúnem mensalmente, para, sobretudo, conhecerem melhor a sua vocação — a vocação de Pai Américo — e enrigecerem na unidade o grupo fraterno que constituem. E desde então não mais pudémos conceber que fôsse de maneira diferente da que será: dois a dois, como o Mestre fazia.

Só por isto é que começaremos em dois lugares, ao mesmo tempo. Mas ainda assim nasceremos pequeninos em cada um deles, e cresceremos devagar, como é próprio dos organismos vivos, para atingirmos a dimensão que o Senhor quiser, quando quiser.

Lá, como cá, queremos ser



Uma linda paisagem do Culamoxito — onde vai ser a Casa do Gaiato de Malange.

Obra de todos, para todos e por todos. A nossa face mais directamente iluminada mostra-nos para os Pobres. E se é verdade que somos para eles, seríamos mentira se não fôssemos deles, negar-lhes-íamos o reconhecimento do valor que verdadeiramente têm se não aceitássemos que eles o investissem na missão a rea-

lizar, cuja integral verdade exige que seja também por eles.

Mas a Obra da Rua tem duas faces, como os corpos vivos. Se uma ficou virada para a luz, a outra está na sombra. Por isso, menos se repara nela. Mas ela é, e só com duas faces é que ha-

rostro. A outra face é esta: nós somos para os Ricos e para os Ricos mediados. Somos para lhes lembrar que a sua abundância e a sua suficiência os torna responsáveis segundo a Justiça distributiva que Deus não quis consumar. Cont. na SEGUNDA página

Cantinho DOS RAPAZES

loiro, de ter perguntado a um dos nossos: — Penso que a Obra vai precisar de ti. Queres servir? Ele andava pelos 17 anos. Fora castigado tempos antes. A sua fantasia rodava como um pião em direcção a nada... e acabava por entontecê-lo.

Respondeu-me, pronto: — Se acha que sirvo, disponha.

Decerto não teve logo a consciência clara do que lhe era pedido, nem das consequências do seu pôr-se à disposição. Foi ao longo dos anos, pela experiência de muita contradição, que ele foi amadurecendo o verdadeiro conceito de servir, com todo o preço que ele importa, com todo o sabor que comporta.

Naquele dia, a sua resposta espontânea, generosa, deu um rumo à sua vida até ali desorientada. Um ideal, lá longe, muito alto, era a meta. Desde então foi uma longa caminhada. Vão 11 anos. Creio que chega para provar uma paixão.

Recordo este caso, numa hora em que tenho de fazer convites semelhantes a alguns dos vós que me parecem ter substância para uma resposta igual: — Se acha que sirvo, disponha. A nossa Obra vai estender-se a África. Em semente a germinar, nem com o Lar de Setúbal este é o primeiro grande ramo novo que rebenta depois que o nosso Pai voou pró Céu.

Este crescimento era impossível se Deus nos não tivesse dado os dois padres que nos deu (e eu temo que nem todos vocês apreciem o valor divino da graça que nos fez).

Mas, Obra de Rapazes, a fazer pelos Rapazes, também não seria fácil nem lógico se não pu-

CONTINUA NA PÁGINA DOIS

Visado pela
Comissão de Censura

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página. déssimos dispor de alguns de vós até àquele sem limite, tão simples, da resposta: — «Se acha que sirvo, disponha».

Este passo que a Obra agora dá é um sinal da sua maturidade, da sua pujança. Mas, de algum modo, o critério desta pujança e desta maturidade, sois vós: no vosso aproveitamento, na vossa correspondência, no vosso retribuir ao muito que, na Obra e por ela, Deus vos deu. Pois «não se conhece a árvore pe-

A Obra da Rua em Africa

Continuação da PRIMEIRA pág. por Si mesmo, para que os homens a realizassem. Qual será a sentença, no dia do Juízo?, se eles não tiverem negociado com acerto e não tiverem repartido o lucro com espírito fraterno, de modo a poderem apresentar-se tranquilos ao Senhor: — «Destem-me dois, ou cinco, ou dez, ou mil talentos... Senhor, bem sabes que os pus a render e que ganhei outro tanto e sabes como os gastei comigo e com os irmãos!»

O Evangelho não diz que o Senhor exigiu para Si o lucro do servo bom e fiel. Ele não o quer, aquele lucro nada Lhe pode acrescentar. O que Ele quer é ouvir da sua boca se o servo enterrou os talentos ou se trabalhou com eles, em prol de si, em prol dos irmãos. A resposta do servo será a sua própria sentença.

Nós também somos para os Ricos e para os Remediados. E se somos para eles, a autenticidade exige que sejamos deles e actuemos por eles. Mas só somos deles, se eles estiverem conosco na realização da tarefa que a nós cabe de uma maneira mais intensa, por vocação divina — que a tarefa, específica e verdadeiramente, é de todos nós, servos a quem o Senhor entregou talentos acerca dos quais um dia nos perguntará: — Amaste? Ou esqueceste-te de que os outros são necessários à essência do amor?

Sim, meu Amigo «Ninguém», Deus nos leve por Sua mão e nós possamos ajudar a ganhar-se pelo amor essa querida Angola «que tanto, tanto precisa de franciscanizar-se».

E que todos, Pobres, Remediados e Ricos, de quem nós somos e a quem queremos dar as nossas mãos, nos deem as suas e os seus corações.

O resto virá por acréscimo!

los seus frutos»? E não sois vós os frutos da Obra?

Com cada um dos padres que forem abrir as Casas de Malange e de Benguela seguirá um grupo de rapazes fundadores. Eles serão o núcleo. Eles levam daqui a ideia, a chama com que hão-de atear na nossa Angola uma fogueira de amor, em volta da qual se hão-de reunir muitos de boa vontade em alegria sã e construtiva, em espírito de fraternidade, em prece de bom conselho — como fazem os escuteiros nos seus fogos.

Quem sabe se um dia não serão chamados rapazes angolanos, criados e amadurecidos nas Casas de lá, para lhes ser dito como agora: A Obra precisa de ti... e de ti...? E se a resposta deles, pronta, generosa, direita a um Ideal, os não há-de constituir alicerces de outras fundações que Deus queira e venha a manifestar querer, a seu tempo...? Quem sabe?...

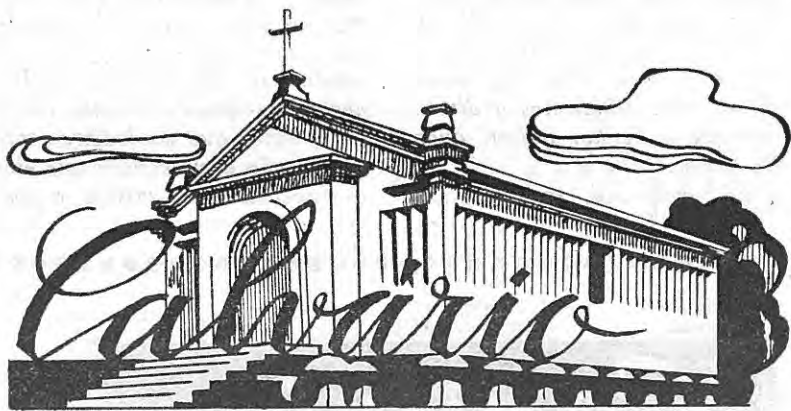
Grande missão a vossa! Que bela!

Ora eu não penso que todos pudessem ser chamados e convidados, nem tenho a pretensão de que todos tivessem substância para dizer sim, numa disponibilidade sem limite. Mas queria que todos pousassem os seus olhos e as suas inteligências mais os seus corações sobre estas realida-

des conquistadas ao longo dos 23 anos sofridos que a Obra conta e saboreassem, ao menos em imaginação, o gosto de dizer sim. E por esse gosto fossem atraídos e se orientassem eles mesmos a um Ideal, sempre mais alto do que as nossas possibilidades de acesso, mas ainda assim farol a dar luz, a encaminhar para uma meta que dê sentido, que dê sabor à vida. Ah! isso sim, queria!

Por isso, nesta hora alta da Obra da Rua, hora comprada pelo preço caro de muita contradição, pela vida consagrada de Pai Américo («Suei sangue. Sei o que é ser mártir. Não afirmo que naqueles tempos de prova Cristo Jesus me tivesse aparecido e falado como tantas vezes a Paulo. Mas senti o Seu bafo»), hora que aumenta a nossa responsabilidade e acrescenta as nossas preocupações — eu não posso deixar de associar-vos, a todos, cada um na medida da sua capacidade, à alegria e ao peso que enchem os corações dos vossos padres — e vos convido: A Obra precisa de vós: da vossa acção de graças, do vosso louvor, da vossa participação na prece familiar, do vosso merecimento diante de Deus e dos homens.

E nEle, por Ele, espero que todos, cada um na medida da sua capacidade, me há-de responder também, muito simplesmente: Se acha que sirvo, servirei... agradecendo, louvando, pedindo com a Obra e pela Obra, procurando merecer diante de Deus e diante dos homens, para me realizar a mim próprio, para ir fazendo a Obra e dar testemunho dela.



mundo apresenta-nos os contrastes mais vincados. E quanto mais claro é o branco, mais escuro se nos afigura o negro.

Encadernados em feltro por via do frio, cachorros de luxo passeiam aposentos de casas fidalgas por entre mobílias de estilo.

Tolhidos pela doença e pela miséria, seres humanos, portadores de alma imortal, abrigam-se em currais, à mistura com o estrume.

Ninguém repara nem deita sentido nos animais tratados como seres superiores. Mas a consciência humana perturba-se e o latir dos cães soa-nos bem alto aos ouvidos, quando damos com os Pobres a viver assim!

O Abel mais eu penetramos em denso pinhal. Apesar de coado pela copa esfarrapada dos pinheiros, o sol escalda-nos as costas. Sobe do mato empoeirado cheiro enjoativo que se mistura ao da resina. Rompe dos arbustos o ruído estridente das cigarras. O carreiro, que parece não mais

TRABALHO

O movimento em prol da nossa Tipografia cresce dia a dia!

Já o dissemos e repetimos: não é um crescer amorfo, mas vivo — e cheio de devoção.

Temos gente que vem pelo seu pé — aproveitando a deslocação — com ambas as mãos cheias de trabalho para as nossas máquinas (facturas, sobrescritos, recibos, etc. etc.) e, também, com palavras amigas e compreensivas. Aliás, o interesse dos Amigos é assim!

Outros — a maioria — pela distância, servem-se do correio. São envelopes cheinhos de croquis, impressos com ou sem indicações e alguns, ainda, com alterações indispensáveis. Trabalhos simples e deles que exigem muito cuidado na sua execução.

E os cartões e as missivas que capeiam as encomendas?! São tão espumantes que damos graças a Deus por tudo. Que só Ele é capaz de revolucionar as almas — pois nada se opera ou transforma sem a Sua permissão.

Ai vai, pois, com merecido destaque, um testemunho de Matozinhos:

«Viva a Tipografia do Gaiato!

Nada mais rápido nem mais perfeito. É o primeiro cartão e acho-os tão bem que contra o costume irei usá-los já».

Não devíamos, por princípio, transcrever um elogio assim. Mas ele é tão espontâneo e revela uma satisfação tão rica que segue tal qual, só para que toda a gente leia e viva (com proveitosos frutos...) a onda de interesse que reina entre os nossos Amigos, pela nossa Tipografia.

Temos, ainda, mais presenças que afinam pelo mesmo tom. Todavia, achamos bem mais oportuno dar à estampa uma legenda absolutamente de acordo com os nossos objectivos:

«Ponha essa rapaziada a trabalhar, pois é uma grande verdade que «a ociosidade é mãe de todos os vícios».

Só quem conhece, ou procura conhecer-nos verdadeiramente, podia afirmar isto com tanta veemência! Essa legenda é de um bom Amigo do Porto e capeava mais, uma das suas muitas e grandes encomendas. Quando ele abre as mãos — sempre que necessita — não há máquinas paradas, nem aflições, nem nada. Vibra a oficina, tanto ao som dos motores como da alegria e azáfama de cada um dos nossos pequenos tipógrafos!

E pronto. Ficamos por aqui, esperando, ansiosamente, a presença de quem não botou, ainda, os olhos por esta coluna. Se não... Era, de facto, uma inundação! Quem dera, pois, que ela surja, em alto grau. Estamos prontos a arregaçar as mangas — e daremos conta, se Deus quiser.

Júlio Mendes

findar, leva-nos sempre por idêntica paisagem. Passa por nós um jumento seguido de perto pelo dono. Nas encostas fronteiriças, lugarejos perdidos. No fundo dos vales, trabalhadores mourejando. O caminho entorta. A encosta dobra. Meia dúzia de casitas apertadas surgem em nossa frente. Esta é pardieiro em ruínas. Telhado, prestes a tombar, mal cobre o montão de pedras. A porta entreaberta mostra-nos o chão térreo e a telha vã. Pelas aparências, o lugar destina-se a gado. Mas quê? Tem sido poiso de duas pobres mulheres. É o contraste. Os cães espreitam nas persianas esmaltadas. Os gatos dormem em maples macios. Aqui... pernoitam seres humanos. Ainda se gosassem saúde... Mas não.

Temos diante de nós uma demente paralizada, que só tem a mais a alma — diz-nos a mãe, também meia trôpega —

que de resto é um animalzinho. O aspecto dessa criatura, escurecida pela sujidade e a rosar como um animal, repele. Não é sem coacção que nos mantemos diante dela. Uma coacção que vem da Fé. Um vir e estar pela Mão do Senhor ao encontro dos irmãos esquecidos. E estamos. E prolongamos a nossa estadia a reparar o ter vindo tarde. E neste estar o meu pensamento vai ligeiro até ao Calvário, e poisa numa cama vaga que se abre em alvos lençóis para a receber.

Ninguém se dirá, por certo, culpado desta situação. É em ermo que a história se desenrola.

O Senhor esconde-Se nos Seus filhos. É preciso amá-los para O encontrar. Mas o Senhor também esconde os Seus filhos, por vezes; é preciso amá-Lo para que Ele nos diga onde eles se encontram.

Padre Baptista

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

★ BELEM ★

Através do transmissor «Gaiato», oiçam todos, por favor, a conversa das três mais pequenas, na varanda da nossa Casa — «Varanda de esteio a esteio, de ponta a ponta corrida, o Sol a nascer dum lado, doutro lado a Lua erguida» — como tão bem disse o nosso Correia de Oliveira:

— Olha tantas terras! É tudo nosso!
 — Tudo, tudo?
 — Tudo! Tantas batatas, tantas videiras, tanto milho, tanta couve...
 — E as cerejas?! Eram mais de mil!
 — E agora as ameixas? São mais dum milhão...
 — Que é milhão?
 — Milhão é mais de mil! Olha o Pintainho só sabe até mil!...

Eu ouvia consolada, mas de uma consolação com travos de amargor. É que tudo isto só será de facto nosso quando o tivermos pago. Espero em Deus que jamais nos será dada ordem de despejo mas, a par dessa grande esperança, esta realidade positiva: não descansarei, não saborearei despreocupadamente toda esta beleza mais a alegria das belenitas, enquanto a propriedade não se encontrar totalmente paga.

Cabe a vós, caros benfeitores, tornar verdadeiras as afirmações entusiásticas e cheias de convicção das nossas belenitas:

«É tudo, tudo nosso! Tudo!»
 Continuemos a conversar através da nota de presenças:

O Benfeitor anónimo de Lisboa compareceu com 120 mais 90 mais 100 «estranhando muito o meu tão grande silêncio nas colunas do «Gaiato». Acertou com as suas suposições sobre os motivos. O tempo e as energias não chegam para tudo, não podem chegar de maneira nenhuma. Há por cá trabalho para muita gente, mas eu começo a pensar se não terei que gastar as minhas energias até ao fim para que mais alguém se convença de que vale a pena pôr a vida a render numa obra como esta.

Outro Senhor de Lisboa escreveu-nos cartas cheias de interesse, sugerindo a montagem de um colmeal e dando instruções muito de agradecer. Depois vieram vales de 1000 e 500, destinados à dita montagem.

Caro Benfeitor, acha prudente metermo-nos a fazer este e outros melhoramentos muito mais urgentes, como a ampliação da Casa de habitação e a construção duma para um casal de agricultores numa quinta que ainda não pagámos? Poder-me-ia responder que já fizemos um muito mais dispendioso — a plantação do pomar. É que esse foi de comum acordo com os vendedores, que também o desejavam, além de que veio ajudar a resolver o problema do cultivo da quinta.

Mas console-se, Senhor Apicultor! O colmeal já cá estava, embora um tanto abandonado. O

seu valor está portanto incluído no preço da quinta. Pode pois pensar que o seu dinheiro se destinou a pagar o dito e terrenos em que se encontra instalado.

Benfeitor anónimo entregou 100 contos para pagar a Casa Nova.

«Tinha feito o projecto agradável de ir aí em pessoa. Isso sim! Totalmente impossível. A minha participação na compra da quinta vai na mesma» — 5 contos.

E da mesma: «Vou partir para férias e não poderão ser boas se não ajudar aqueles que estimo e amo a passarem melhor o verão» — 500.

São mais dois empurrões da Madame dos muitos empurrões... Boas férias!

Um Casal de Viseu visitou-nos e entregou mil (mais 150 extraordinários...) com promessa de chegar aos 13 contos, a 250 por mês. A ideia é esta: Prometeram dar esse dinheiro para uma Casa do Património, quando tivessem casa sua. Mas pensaram que na sua própria terra havia crianças pobres, sem eira nem beira, que também precisavam duma Casa e resolveram entregar para esta Casa os seus 13 contos.

Cacilda de Viseu entregou 100. Uma Inês da Lousã entregou mil. 20 para o mais necessário, de Lisboa. De uma Avó de Paço de Arcos, 50 para a Casa Nova. Outro tanto de uma «Maria de Portugal».

«Respondendo ao apelo feito às professoras primárias, envio 100 para a Casa Nova».

De «uma Amiga da Póvoa 100 e outro tanto de Maria José de Coimbra e de «uma Mãe Alentejana». O dobro de Beatriz de Lisboa. 50 com beijinhos para as Belenitas, da Beira Baixa. O dobro duma Vicentina.

Maria Cecília e Marido, de Braga, nunca faltam com a sua contribuição mensal.

De Paço de Sousa 320 mais 910 mais 60 de donativos ali recebidos.

De Leiria 50. De professora amiga da Faniqueira 30 mais 100\$00.

Helena de Lisboa, sempre presente com os 500 mensais.

Em Julho chegaram mil, em vale, de um João do Porto. Maria Teresa de Coimbra enviou 100. O mesmo de uma Serrana da Estrela. 200 de um Joaquim de Lisboa. Gina Maria enviou 50 mais 50 e Maria Manuela 20.

Recebemos ainda roupas, calçado e outros do Barreiro, da Beira Baixa, Campo de Besteiros, Lourenço Marques e Viseu.

Feitas as contas, verificamos que podemos pôr de parte 111 contos.

Precisamos, portanto, agora só de:

588.000\$00
 — 111.000\$00
 —————
 477.000\$00

Bem hajam
 Inês
 Casa das Belenitas — Vildemoinhos — Viseu.



Um grupo de Paço de Sousa, brita pedra como gente grande!

VARANDA de Beira

O silêncio nasceu nos dormitórios. Estou só no escritório, mesmo à beira daqueles. Saboreio o silêncio, após largas horas sem ele. É o momento da paz. Eu amo o silêncio.

A porta do escritório abre-se. Range. Uns olhitos espreitam. Pé ante pé, o Jacinto apresenta-se sem eu ter dado fé. Ele é discreto em tudo. Mede o que faz, mais o que diz. E aí está ele com um pedido, que o rosto bem sorridente já o está a ditar:

— Senhor Padre, posso cortar o cabelo à homem?
 Ora, o Jacinto vai em treze anos. O calção fala da criança que ele é; mas as palavras do homem que ele deseja ser.
 E eu pergunto-lhe:

— Olha lá: tu já o és?
 — Ainda não. Mas se o Sr. Padre me desse umas calças compridas...

Constata-se não raro esta verdade de ordem prática: todos querem parecer aquilo que realmente ainda, ou já não são. Basta-lhes que as aparências cubram a realidade. O resto não importa. A mentira esconde a verdade.

Mas o Jacinto apesar de pequeno, é já sem dúvida um homem. E vai usar cabelo comprido, mais calças a condizer.

A gente insiste a tempo e fora dele, e acaba por sofrer com a incapacidade de não obter o que pretendia. Eles vêm dos caixotes e do lixo, das barracas e dos trapos e hão-de andar muito tempo em busca do que vestiram nos primeiros anos da vida. O jeito de então perdura longamente.

Se chove, põem sacos pela cabeça; se está sol, um jornal a servir de boné. Se calor, fralda ao léu; se frio, capotes e casacos de todos os tamanhos e feitios. Para jogar, enfiam num pé um sapato e levam o outro descalço; para trabalhar, conhecem todas as manhas de furto o corpo a ele, ou arranjam coisa que lhes dê mais gosto.

É o tempo das figas. Eu gosto de pardais; tanto que os rapazes já o sabem. São horas de trabalho. Cada qual, em obrigação determinada, está para dar conta do que lhe foi confiado. Uns ao ar livre, outros em casa. O Beja pertence à tarefa da vacaria. Passo por ele e pergunto:

— Que andas tu aqui a fazer?
 — Ando òs pardais para o Senhor Padre.
 O jeito de então perdura pela vida fora.
 Padre Baptista

Aqui Lisboa

Vieram mais dois irmãos, sobrinhos do Jorge até há pouco chefe do Lar. Muito pequeninos e muito irmãos. Há dias, após a refeição, chameio-os para lhes falar. Tirei da fruta da mesa e dei ao mais pequenino. Os olhos iluminaram-se ao receber a banana que lhe dei. Reparte com teu irmão, sim?... — disse com ternura. E o pequenino levou a fruta à boca do irmão. Este trincou e ficou a mastigar enquanto tirou novamente o seu bocado e deu outra vez ao irmão e assim até acabar. Oh beleza da irmandade! Nem receio que o outro tirasse demais, nem egoísmo, porque lhe tinha sido dada a ele. Nada. Simples amor fraterno. Como seria bom e cristão (nós que nos dizemos) vivermos como

irmãos! Procuram-se tantas fórmulas para a paz, tantas receitas para a união e elas aqui tão eloquentes com simples: Nem medo dos outros, nem egoísmo. Amor fraterno.

Este caso passado entre dois irmãos trouxe-me necessariamente à lembrança um outro. Tínhamos acabado de fazer um retiro no Seminário dos Olivais. O nosso Irmão Prior de Peniche ao encontrarmo-nos pergunta se não queremos ir lá falar e fazer pedido. É claro que queremos e mais do que isso, precisamos. Mas disse-lhe que chego a ter escrúpulo em lhe falar nisso. É que a Obra assistencial tão bem estruturada e eficiente que tem em Peniche faz pensar que seríamos ali a mais. Não — foi a resposta firme. «Eu conto com a Casa do Gaiato todos os anos. Vocês vão-me ajudar, porque as pessoas de Peniche com a vossa ida despertam sempre mais para a Ca-

ridade. E depois ficam a ajudar-me mais ainda». Está muito bem senhor Padre! Nós então vamos. E temos ido todos os anos e se é verdade que doutros lados trazemos mais que de Peniche, a nenhum vamos com tanta alegria nem somos recebidos com tamanho carinho. Somos esperados e isso nos inspira confiança. Somos estimados e isso nos faz amar mais o Prior de Peniche e a sua cristandade. Sentimo-nos irmãos.

O Evangelho diz que há mais alegria no dar que em receber. Pois nós ali como em qualquer

Continua na QUARTA página.

«O Gaiato» ★
 De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

TRIBUNA de Coimbra

Tenho pena de vos não poder dar uma estampa do Eugénio.

Era a hora do almoço quando chegou a nossa casa pela mão da mãe e em companhia de um cão. Atravessaram toda a serra a pé, em longas horas de cami-

Por

PADRE HORÁCIO

nhada. O pequeno ficou e a mãe voltou com o cão à aldeia serrana que os acolheu.

O Eugénio parecia não sei o quê. Seis anos, de olhos grandes, vivos e sorridentes quando está bem disposto, cabelo caído que nunca havia sido cortado, nem limpo, uma camisita de meia manga a cobrir uma camisola de manga comprida e por cima de tudo as alças das calcitas compridas compradas na feira e nos pés umas sapatilhas de pano, gastas. Quando a mãe se retirou O Eugénio fez um berreiro muito grande.

No dia seguinte foi para a praia onde os mais pequenitos já estavam há dias. Nesse mesmo dia, à tarde, o Joãozito, de cinco anos, veio dizer-me: o de novo já disse quatro asneiras. Olhei o Joãozito e os seus olhos pretos e grandes como o sol e disse-lhe: olha, tu não ouças e não digas. O Joãozito não me deve ter compreendido e sentou-se junto de mim a brincar na areia com seu barquito. Nos primeiros dias Eugénio nunca se juntou aos outros e correu a praia toda. Pelo quarto ou quinto dia vem ele dizer-me: sr. prior, um rapazito disse uma asneira.

Hoje o Eugénio tem saídas e atitudes encantadoras. Já não diz asneiras e aparece quando toca a sineta. Só não acompanha o seu grupo quando vai trabalhar ou regar os jardins e nessa altura esconde-se debaixo das batatas.

O Eugénio é filho de uma pobre rapariga que se juntou com um homem casado. Com os maus tratos do homem ela fugiu para Lisboa. Algum tempo ali, com a fome e o abandono, a mãe e o Eugénio voltaram a uma aldeia perdida na serra da Lousã onde ela tem uns parentes. O Eugénio com suas travessuras e idade começa a ser estorvo à família e ei-lo na Casa do Gaiato, onde um mundo de esperanças o rodeia.

E eu quedo-me a pensar em tantos Eugénios, tantas mães delas abandonadas, tantos homens casados e infelizes, tantos parentes estorvados que há debaixo do céu de Portugal.

E quedo-me também na esperança de ter de receber nos meus braços, beijar e aceitar carinhos e promessas de todos os Eugénios que são filhos do meu e teu Pai Celeste que o é também do Eugénio.

Crónica DE FONTELO

Caríssimos, aí vai uma crónica puxada a gascidra. Eu, e o Senhor Padre Carlos e Fernando Dias fomos passar férias a Fontelo de S. Domingos. Aquilo é que era!

Quem de vós é capaz de adinhar quem era o cozinheiro? O problema é fácil. Era o Senhor Padre Carlos! Ajudante e provador, eu. Limpa tachos e esfrega balcões, Fernando Dias.

O Senhor Padre Carlos é artista na cozinha; para cozinhar não há como ele. Nem o Zé Caraças! Ele fez lá um cozido à portuguesa com as seguintes composições: Botou umas batatinhas, depois umas couvinhas, mais um arroz, uma carninha de cabrito estofada com um molho de tomate e cebola e cenoura. Era um perfeito molho à Ritz, o melhor hotel da capital.

Nós um dia convidámos o Senhor Padre Duarte para ir lá comer. Nesse dia foi batatas fritas com ovos, salada de agriões feita por mim e o tal molho à Ritz. Quando o Senhor Padre Duarte se levantou da mesa ele quase que nos abanava tal era a barriçada. É um Padre muito alegre, muito bom. Só queria que nós bebêssemos até 5 copos de vinho.

O Senhor Padre Carlos deve estar cheio de peneiras de eu o estar aqui a gabar, mas tudo que eu aqui digo é verdade.

O Fernando partiu uma frigideira e um prato; cada dia que passava escrevia uma carta, já sabeis para quem...

Uma vez apareceu lá com um coelho. Eu e o Senhor P. e Carlos até ficámos doentes da vista.

Graças a Deus foram umas férias muito boas.

Adeus caríssimos, até à volta.

Viva o João Roque que ganhou a volta a Portugal. Viva! António Augusto de Almeida

PAÇO DE SOUSA

GUERRA NO JORNAL! — Há, e sempre houve; mas, desta vez, fez entrar uma parcela neutra.

Como é sabido são os rapazes que andam na escola quem dobram o nosso jornal. São todos eles da lenha, onde preside o Se Joaquim; mas, quando chega o dia da dobragem eles vêm para a Administração do Famoso.

Acontece que, muitas vezes, cai «murro», havendo zaragata da mais barulhenta. Marito é o sub-secretário do Avelino dos Santos; por isso, a ele compete velar pelos movimentos da malta do jornal. Então quando há barulho tem de impôr-se para que seja respeitado.

Ontem, eram horas de ir para Cete despachar jornal. Pegaram no carro de mão alguns marcados; mas, Toninho e Aranha resolveram tomar novos ares dando uma voltinha agarrados aos fueiros do carro. Não tinham recebido ordem para ir e Marito já estava pronto para ministrar-lhes o respectivo remédio, o qual por mais vezes que tenha sido aplicado, ainda não fez dar o fora à eterna doença da sorna. Chegaram e beberam pela medida de S. Miguel. Até o Avelino quis molhar a sopa!... Mas já estão bons e dobram que nem uma máquina!

Também o Tarik estava mal disposto. A sorna é a coisa mais natural da sua personalidade; e resolveu fazer maroteiras; mas não muito grandes.

O Avelino é um homem pacífico

esse gosto de mandar colher a fruta, outro tanto não acontece quando um ou outro vai às escondidas e come sózinho. Então temos tribunal, e o Vilhena levanta a voz e diz que a fruta é de todos, e portanto tem que ser para todos. Se ele não fosse colhê-la e distribuir, não teriam tanto sabor estes tribunais cá de casa.

BILHAR E SERRA — Nós fomos por um ponto de bilhar, e batemos a uma porta do Porto. Foi na Fábrica «Progrédior» que nos atendeu tão carinhosamente dando-nos um já usado, mas em bom estado.

O mesmo sucedeu com uma serra circular para a nossa máquina. Precisávamos e fomos por ela aos nossos amigos de sempre. A «F. RAMADA» acarinhou-nos logo na volta do correio. De tanto precisarmos é que muito pedimos.

CALÇADO — O Vilhena tem passado das boas. Diz ele que já não sabe o que há-de fazer para calçar cento e tantos rapazes.

Nós temos alguns sapatos de ténis que nos deram prá ginástica do domingo. De volta e meia lá vem um pedir ordem pra calçar umas sapatilhas das ditas. Eu faço barulho, e digo que aquilo é só prá ginástica, mas...

PELAS CASAS DO GAIATO

e amante do rigoroso silêncio mas, desta vez, um dos ouvidos tapou-se e não deixou passar. Mestre Tarik tinha recebido ordem para andar no máximo, pois era bem preciso; mas a sua indisposição ainda não o tinha largado e resolveu dar uma resposta de poucos amigos. Enfureceu mais que nunca o homem da paz e, erguendo-se da cadeira, onde trabalhava, dirige-se-lhe, desferiu os músculos e logo o Tarik sentiu bem o peso que ele teve a honra de medir pela primeira vez. Este acontecimento teve largos comentários com recordações sobre o homem da paz. Tudo se admirou porque ele fez guerra pela primeira vez — pois ele está ali desde o nascimento da secção!

FOGO — Eram horas de sair do refeitório, depois de cear, quando começámos a respirar um ar estufado. «É fogo na lixeira!» — estavam gritando os pequenitos. Ao mesmo tempo tentavam abafá-lo com seus prestigiosos serviços de bombeiros.

Pensámos que fosse uma coisa grande mas, afinal, era só grande fumarada. Os fogos na lixeira já são inumeráveis, quer de noite, quer de dia.

Numa corrida desenfreada toda a malta para lá dirigiu latas (algumas sem fundo), g'estas e paus.

Houve heróis destemidos nesta operação e uma comissão de repórteres foi q. m. condecorou os mais destemidos: o Melo que foi quem dirigiu as operações e o Bernardino que era o mestre dos que diziam: Deitem ali água! Força, pá! Mas ele estava cá em cima a ver os andamentos!...

Receberam com todas as honras a medalha de cortiça dos «Assim é que é».

Não me quero esquecer de distinguir a acção, célebre e humanitária, do Senhor Padre Manuel António que, levando um regador cheio de água, chegou lá muito rápido — mas estava vazio!...

Orlando da Rocha

SETUBAL

FRUTA — É uma riqueza que temos na nossa quinta. Nós temos de todas as qualidades e em grandes quantidades. Temos comido dela às refeições e são o forte das merendas.

O Vilhena, vai e manda colher e distribuir. Ele é o chefe, e se tem

tem que se ir remediando os dois lados. Os senhores mai-las senhoras, já sabem o que têm a fazer quando tiverem calçado que possa servir aos nossos rapazes. Assim, aliviam um pouco a paciência do Vilhena.

OFICINAS — Já temos mestre na oficina de sapataria. Já podem mandar trabalho, que nós executamos com consciência e perfeição. Olhem que o ofício é tão preciso para nós, como o pão que comemos. Pois, senhores e senhoras de Setúbal, vão-se habituando a preferir as nossas oficinas, para que o rapaz tenha o seu ofício e ganhe gosto nele, para que o amanhã venha em ambiente familiar.

BEBÉ — Quanto mais se aproxima a minha ância e espera da paternidade em sangue, mais olho e sinto o amor e a paternidade no nosso Bébé. É filho do pecado duma anormal. E que «amor» nos vem deste amor! Eu pego-lhe, ferro-lhe e amo-o. Toda a família o ama.

ERNESTO PINTO

Júlio Mendes

Agu Lisboa

Cont. da TERCEIRA página. outro lado vamos dar como testemunha este nosso irmão Padre. Dar, sim, porque o Senhor nos manda dar como condição de receber. Que se fossemos apenas buscar, sei lá se a minha garganta já teria secado ou os meus lábios prendido e me faltado a palavra. Bem tenho fugido eu a prègar a Obra da Rua, apresentando quanto sei a doutrina da Caridade arrancada com exactidão do Evangelho ou vivida até ao heroísmo por tantos nossos

Notícias da Conferencia da nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS — O interesse despertou um pouco mais! Graças a Deus. Abre a coluna um Cliente amigo da nossa Tipografia com o remanescente do pagamento de assinaturas e de um trabalho por nós executado — 58\$00. Mais 40\$00 de Pêto, Linô e Zêrui, de Espinho. Metade da assinante 17022, ora na Guarda. Mais 50\$00 de um médico das Caldas da Rainha. O mesmo da Póvoa de Varzim, cuja missiva não podemos deixar de publicar:

«Junto envio cinquenta escudos por uma graça que pedi ao



Pai Américo. Era minha intenção mandá-los para o que fosse mais preciso. Mas se achar bem pode ser para a Conferencia, porque li no Famoso a aflição dos rapazes e comovi-me por terem muito pouca receita. Gostava de mandar uma especial para eles, mas sou pobre, não posso mais por isso. Faça o que melhor entender».

Quem é capaz de cruzar os braços com testemunhos assim, quem? Mais 25\$00 de Vizela, do assinante 5308. Dos primeiros! Mais 10\$00 de Nova Oeiras. O dobro da assinante 17740, por alma de seu marido. E mais 200\$00 das Alunas do Liceu Rainha Santa Isabel, cuja visita anual é tão certa! Finalmente, 20\$00 «pejo bom resultado de um exame». São do Porto.

E ainda há mais. Fica para quando houver espaço...

Muito obrigado.

Padre José Maria

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes